

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

O jornal escolar na interface educacional: por uma práxis do ecossistema comunicativo¹

Anderson Lopes da Silva²
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, PR

Resumo

Embasado na pedagogia de Célestin Freinet e no campo da Educomunicação, este trabalho intenta apresentar o jornal escolar como um objeto de estudo e pesquisa não só da Pedagogia, mas também da Comunicação. O relato de experiência diz respeito ao *Jornal Educativo e Notícias Escolares* que foram planejados e redigidos em 2010, respectivamente, pelos alunos do 4º ano e da 4ª série. Desenvolvidos durante a disciplina de Prod. Textual, na Esc. Mun. Sta. Teresinha, as aulas e orientações para a criação dos jornais foram feitas pelo autor deste artigo (professor da rede pública municipal de ensino de S. João do Ivaí-PR, de 2009 a 2012). Por fim, e como ponto de reflexividade, o que se busca aqui é mostrar como os jornais escolares promoveram a criação e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos no espaço educacional.

Palavras-chave: Educomunicação; Jornal Escolar; Ecossistema Comunicativo.

Introdução

O jornal escolar foi introduzido pelo pedagogo francês Célestin Freinet no espaço educacional e, a partir de suas experiências, os resultados obtidos na produção dos jornais mostrou ser extremamente positivo ao desenvolvimento dos alunos. Junto a isso, a atividade das correspondências interescolares configurou-se também como uma prática tipicamente freinetiana.

Em contrapartida, o campo da Educomunicação é relativamente recente se comparado ao início do jornal escolar com Freinet. No esforço de contemplar, analisar e estudar conjuntamente as áreas da Educação e Comunicação surgiu o termo Educomunicação por volta da década de 1970 e citado pela primeira vez pelo filósofo da educação Mario Kaplún.

Dessa maneira, este texto procura mostrar a viabilidade de se aliar a estratégia pedagógica do jornal escolar com o campo de estudo da Educomunicação. Em outras

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Relatos de Experiências: Mídia e Tecnologia na Educação, do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (FACNOPAR), Especialista em Comunicação, Cultura e Arte (PUCPR) e Mestrando em Comunicação (PPGCOM - UFPR), na linha de Comunicação e Formações Socioculturais. Membro do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada) e Bolsista Capes. E-mail: anderlopps@gmail.com

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

palavras, propõe-se aqui a análise não da produção textual, mas sim, do processo de construção dos jornais de alunos do ensino fundamental de São João do Ivaí-PR sob a ótica dos conceitos da Educomunicação, em especial, o de ecossistema comunicativo.

Objetivos

Criar (e potencializar o desenvolvimento) de ecossistemas comunicativos no espaço escolar por meio do jornal escolar. Tentando assim, através da participação direta dos alunos, dos professores, da equipe pedagógica, da comunidade que circunda escola e de outros interessados na educação, possibilitar formas de lidar com a interface educacional para além da leitura crítica da mídia (ênfase na produção).

Métodos e técnicas utilizados

O método utilizado é o da Pedagogia do Texto Livre de Freinet. E é através do jornal escolar e de outras atividades ligadas à escrita e leitura, que o pedagogo francês traz a primorosa técnica do texto livre, que na percepção dele em nada se assemelhava com as redações “impostas” por uma escola tradicionalista. “Um texto livre tem de ser realmente livre”, ele diz. E completa: “Quer isto dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando, aquilo que em nós se agita” (FREINET, 1976, p. 21).

Dessa forma, a primeira parte de todo o trabalho foi apresentar o conteúdo teórico abordado na disciplina acerca do gênero jornalístico ou noticioso para que os alunos pudessem ter “ferramentas” de como “saber” se informar, organizar esses fatos entre si e conseguir compreender as características do momento histórico que vivenciam.

Descrição e discussão do processo de experiência

Todos os passos da elaboração dos jornais escolares nas séries citadas logo na introdução do trabalho ocorreram nas aulas semanais de 45 minutos de Produção Textual, ministradas pelo autor do artigo, na Escola Municipal Santa Teresinha (Educação Infantil e Ensino Fundamental).

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Foi nessa primeira fase também que as orientações quanto à postura do entrevistador e modo de coletar informações do entrevistado ocorreram. Logo após a fase de explanação do conteúdo, logicamente levemente adaptado para ser trabalhado do 4º ano “A” a 4ª série “A” (atual 5º ano), aconteceu a fase de escolha do nome do jornal, de escolha dos temas a serem pesquisados/redigidos, de produção de perguntas e a escolha dos entrevistados e personagens das matérias jornalísticas. Na primeira série citada acima, com 17 alunos, o nome escolhido por votação em sala foi *Jornal Educativo* (contra três outros propostos pelos alunos). Na segunda turma onde o trabalho foi realizado, com 21 alunos, o título escolhido para nomear o jornal foi *Notícias Escolares* (também com três opções de escolhas propostas pelos discentes).

A escolha dos temas surgiu nas equipes formadas por dois e até quatro alunos. Entre elas estavam os seguintes temas: aborto, drogas, músicas infantis, brincadeiras infantis, televisão, escola comunitária de futebol, meio ambiente, entre outros. A formulação de perguntas sofreu interferência do professor regente à medida que este era solicitado, dando assim total liberdade à produção dos alunos.

Por sua vez, a seleção dos entrevistados ocorreu de duas formas: a turma com idade entre 8-9 anos (4º ano) obteve respostas de professores, alunos e funcionários da própria escola. Já os alunos com faixa etária entre 9-10 anos (4ª série) tiveram contato e obtiveram suas respostas não apenas com entrevistados do ambiente escolar, mas com pessoas da comunidade (como policial, enfermeiro, professor de futebol, membros da Secretaria de Educação, etc.).

Após a coleta de informações a respeito do tema pesquisado, os alunos passaram a análise desses dados e respostas para escolher o que seria pertinente ao uso no texto. O texto, que era escrito por todos os participantes do grupo, passou por uma correção individual do aluno, correção coletiva da turma e, por fim, uma correção em conjunto com o professor orientador do trabalho. Essa parte especificamente do trabalho é importante no que tange ao respeito pela produção autêntica e identitária dos alunos.

Nesse contexto vale ressaltar que apenas ler sua própria produção não é o bastante para o aluno e aí, surge aí a oportunidade que o jornal escolar oferta a este: produzir, ler e escrever para alguém ler. Isso é importante: o aluno deve conseguir

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

identificar o público a que se destina determinada produção textual. Ou como brilhantemente diz Mario Kaplún (1998, p. 73, *tradução nossa*):

Não basta *receber* (ler ou ouvir) uma palavra para incorporá-la ao repertório pessoal; para que ocorra sua efetiva apropriação é preciso que o sujeito a use e a exercite, que a pronuncie, escreva, aplique. Esse exercício só pode dar-se na comunicação com outros sujeitos, escutando e lendo outros, falando e escrevendo para outros.

Consequente a isso, o exercício do olhar foi estimulado no momento de fotografar entrevistados, cenas ou situações que ilustrassem o conteúdo do texto redigido pelos alunos. Compreendendo a fotografia como meio de expressão não-linear do texto-livre da criança, Graça Caldas explica sobre que só é possível “ler o mundo a partir dos olhares dos outros” quando seus leitores aprendem a ler o próprio mundo “por meio da construção de suas próprias narrativas”. “A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade.” (2006, p.129).

Após todo o trabalho finalizado, ficou a cargo do professor orientador a diagramação de todo o trabalho (com sugestões dos alunos). Depois de diagramado, de modo artesanal, as páginas foram coladas e organizadas de maneira a realmente se assemelharem a um jornal com sua estrutura de folhas removíveis de lugar (trabalho este, feito por toda a equipe pedagógica: professores, funcionários, direção e supervisão). Coube ao fim, a distribuição de 100 exemplares à comunidade externa da cidade (o que infelizmente era um número pífio referente aos 11.464 habitantes da cidade – Censo 2010); o número pequeno justifica-se pelos poucos recursos financeiros da escola.

Resultados

O significado do termo ecossistema comunicativo representa, no dizer de Ismar Soares, os espaços educativos presenciais ou virtuais que têm o objetivo de melhorar o coeficiente educativo das ações comunicativas. O pesquisador afirma que, diferentemente de Martín-Barbero, a conceituação do termo está mais ligada ao espaço escolar do que propriamente a uma ideia de como lidar com uma nova ambiência

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

mediada *pelos* sujeitos e *por e nos* meios (SOARES, 2011, p. 44). Entretanto, uma visão que se torna comum entre ambos diz respeito a compreender o ecossistema comunicativo como uma nova forma de olhar e apreender o mundo enxergando o meio educacional como difuso e descentralizado, como comenta Martín-Barbero (1999, p. 27).

Além disso, como os ecossistemas comunicativos não estão indissociáveis da prática pedagógica da leitura e da escrita, a produção de ambas as turmas trouxe maior espaço a busca de informações e, não menos importante, compreender o processo que leva à construção do conhecimento da escrita e da leitura com qualidade.

Assim, com o jornal escolar dentro de sala é possível não apenas criar mais um trabalho restrito que se limite aos tradicionais e enunciadore (professores) e receptores (alunos) como figuras imutáveis e inflexíveis na troca de papéis. Pelo contrário, o *Jornal Educativo e Notícias Escolares*, possibilitaram o desenvolvimento de canais múltiplos de comunicação, isto é, a verdadeira práxis de um ecossistema comunicativo e diversificado.

Tornando uma comunicação que – quase sempre tende a ser – vertical, linear e autoritária no espaço da escola, por uma comunicação que entende o sujeito, o empodera, lhe dá voz e define-se por ser horizontal, colaborativa e compartilhadora de conhecimentos e vivências em comum.

Considerações Finais

Por meio da experiência pedagógica obtida através dos jornais escolares, tendo participação ora integral, ora parcial dos alunos em sua produção, a possibilidade de desenvolvimento de canais de comunicação que fluíssem em vias de mão dupla foi possível de acontecer. Em outras palavras, isso quer dizer que o diálogo e a integração das relações aluno-professor, aluno-aluno, aluno-comunidade escolar e aluno-comunidade externa só foi realizável porque cada um desses participantes tinha voz ativa e responsabilidade no processo educacional desta produção.

Pode-se concluir dessa forma que o trabalho com o jornal escolar, nas palavras de Miranda (2006, p.2), traz muitos resultados desde que usados de forma crítica em sala, pois eles podem promover um receptor-aluno capaz de criticar a mídia através de

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

suas próprias produções jornalísticas, além de abrir um espaço de comunicação aberta na escola e fora dela tendo os educandos como protagonistas sociais.

Certamente em nada se contrariam os pensamentos de Célestin Freinet, com seu pioneirismo no uso do jornal escolar em sala, e os pensamentos de Mário Kaplún, o criador e estudioso do tema Educomunicação. Angela Schaun, citada por Bernardi (2006, p. 6), apresenta a figura do educador justamente como um profissional que vai do exercício pleno da Pedagogia a prática crítica da Comunicação Social, produzindo a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais”.

E como todo o trabalho envolveu não apenas a comunidade interna da escola, mas sim o público-alvo (a comunidade externa), os jornais escolares possibilitaram ainda um viés prático da comunicação popular, que na visão de Kaplún (1998, p.11), está “*siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo*”. Isso mostra a real possibilidade de ambos os conceitos se complementarem e serem pesquisados sob uma ótica pluralista, ou seja, tanto da Educação quanto da Comunicação.

Referências

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação e Sociedade**, Campinas-SP, vol. 27, n. 94, p.117-130, jan./abr. 2006.

FREINET, Célestin. **O Texto Livre**. 2ª ed. Lisboa: Dina Livro, 1976.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: PAULA, Vera M. P. et al. (org.). **Mediatamente: televisão, cultura e educação**. Brasília: MEC/SEED, 1999.

MIRANDA, Amanda Souza. O jornal escolar e a educação problematizadora: vislumbrando uma aproximação. **UNirevista**, São Leopoldo – RS, vol. 31, n. 3, p. 1-9, jul. 2006.

SOARES, Ismar O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.